

DANIELA RIGATO (2013).

## *Gli dei che guariscono. Asclepio e gli altri.*

Bologna: Pàtron Editore, 164 pp.

Perante os perigos que, a todo o momento, assaltam o Homem, real ou presumivelmente, a sua primeira reacção é refugiar-se, encontrar um lugar seguro, qual bebé que se aninha no colo da mãe ou gato que corre a esconder-se em casa ou a trepar na árvore que já é sua conhecida.

E, mau grado os avanços da Medicina, a doença constitui um desses perigos, quase inevitáveis, a que diariamente estamos sujeitos. O refúgio é a Medicina: a oficial e a alternativa. Nas tribos do interior da África ou do Brasil, recorre-se ao feiticeiro ou ao “Pai Velho”, que sabe de mezinhas, rezas, poções e caminhadas de efeito garantido. E sempre assim foi, desde que o Homem é Homem. O recurso a um Ser que reconhece Superior, dotado de poderes sobre-humanos, capaz, até, de administrar o elixir da longa vida. E desse recurso são testemunho, por exemplo, os ex-votos que vemos nas nossas capelas e igrejas: placas escritas de agradecimento ou reproduções em cera das partes do corpo que, por intercessão do santo, foram milagrosamente curadas.

É precisamente nas inscrições ditas votivas, ou seja, dedicadas a divindades, em reconhecimento de graça concedida ou para solicitar amparo específico, que os epigrafistas se baseiam para estudar a difusão de determinados cultos na época romana, pois, por estarem gravadas em matérias duradouras (como o mármore), essas inscrições chegaram até nós. Claro, também os livros dessa época dão conta das credices e dos hábitos religiosos romanos – e será da conjugação desses testemunhos que chegaremos a conclusões acerca da religiosidade concreta praticada.

Foi por esse caminho que Daniela Rigato enveredou, para dar a conhecer algo porventura mais comezinho, mais comum: os deuses, esses tais seres superiores que nos curam das enfermidades, uma vez que, na verdade, é na doença, mormente quando se sente ser a Medicina incapaz de trazer a cura,

que aos deuses (hoje, aos santos, a Nossa Senhora sob invocação diversa ou mesmo a Deus) recorreremos e é neles que procuramos refúgio.

Dentre essas divindades, optou por escolher Asclépio (que, entre os Romanos, se designará de Esculápio) e algumas outras divindades que constituem o que chamou a sua *entourage*, com o objectivo expresso de nos “fornecer uma panorâmica de conjunto e reconstituir espaços, gestos, ritos e camadas sociais que caracterizaram uma devoção religiosa amplamente difundida em toda a bacia do Mediterrâneo” (p. 7).

Ainda que, diga-se desde já, todas as divindades – como, entre nós, todos os santos – acabem por concitar a devoção dos fiéis em função de perturbações físicas ou mentais que os atormentam, Daniela Rigato considera que Asclépio é “o médico divino por excelência e superior, até, nessa função, ao seu pai Apolo”, salientando, de modo particular, a incubação, ou seja, a capacidade que o deus tem de, durante o sono, aparecer aos seus devotos, quer para directamente os curar, quer para lhes sugerir os procedimentos a ter para obter a cura, aspecto que, salienta Daniela Rigato, paulatinamente se infiltrará também na prática cristã (p. 7-8).

Seduziu, ainda, Daniela Rigato o estudo das práticas relativas a esta divindade, não apenas por ter sido venerado por muita gente e de todos os estratos sociais e nas mais variadas circunstâncias, mas porque Esculápio é, na verdade, uma divindade especial: “benévolo, condescendente, que a todos acolhe, que não castiga provocando doenças quem não pratique a *pietas*”, ou seja, a devoção, a boa atitude perante os deuses e os homens (p. 9).

Começa a Autora por esclarecer, neste contexto, o significado de palavras como “medicina”, “doença”, “sonho” e, até, “água”, cuja acção se exerce, de modo especial, em três níveis: “purifica e apaga o passado; favorece a catarse e a regeneração; dá fecundidade, força, saúde e conhecimento” (p. 17). Como se sabe, inclusive no ritual católico, a água detém papel primordial, quer nas abluções rituais quer, primordialmente, a marcar a purificação do pecado original, no ritual do baptismo.

Após caracterizar o deus, as suas origens e laços familiares (a tal *entourage*), Daniela Rigato demora-se a descrever o culto de Esculápio no mundo grego (pp. 27-54): os santuários, as “escolas médicas”, os ex-votos anatómicos,

para terminar com a pergunta: o doente vai preferir o médico ou a divindade? E conta, em jeito de resposta, o testemunho colhido na província romana da Síria: num modesto altar, erigido pelos séculos II ou III para agradecer uma cura, explicita-se que o doente recorreu a 36 médicos e não se curou; resolveu, então, dirigir-se à divindade (não identificada, porém), que lhe prescreveu o recurso a... uma planta! (p. 56). Então, como hoje, as duas medicinas, ou melhor, três: os médicos, os deuses e as plantas!

Após ter traçado o panorama do que se sabe acerca do culto a Asclépio no mundo grego, refere outras divindades a que também se atribuíram qualidades salutíferas, como as Ninfas; e estende a sua pesquisa para além da Grécia (pp. 97-128), aproveitando o ensejo para dar sumária conta dos fiéis da divindade de que se tem conhecimento, “pessoas comuns e imperadores” (pp. 115-117). E o último capítulo dedica-o às províncias do império romano (pp. 129-148), não esquecendo que, sobretudo, na África romana, Esculápio (é curioso verificar que a autora não usa o termo latino mesmo quando se refere a regiões ocidentais do Império, e prefere Asclépio) teve de partilhar com Serápis as suas qualidades de deus taumaturgo.

Pressupõe esta última parte do livro uma pesquisa directa sobre os testemunhos de cada uma das regiões referidas, ainda que mui sumariamente: a Dalmácia, a Dácia, a Trácia e a Mésia, as Gálias, as Germânicas, a Península Ibérica, a Grã-Bretanha, a África, a Numídia e a Cirenaica. Certamente que terá consultado não apenas os *corpora* epigráficos de cada uma dessas regiões, como, eventualmente, poderá ter dialogado com os investigadores – que não são assim tantos!... – que, em cada província, lhe poderiam ter dado apoio. Recorde-se que Daniela Rigato pertence à escola, digamos assim, de Bolonha, onde os estudos epigráficos foram elevados ao mais alto grau, na sequência da intensa actividade do Professor Giancarlo Susini, que deixou inúmeros discípulos. Aliás, este livro está integrado na colecção “Itinerari di Storia Antica”, dirigida por duas epigrafistas de renome, Francesca Cenerini e Gabriella Poma. Custa-me, pois, verificar que, em relação à Península Ibérica, que, naturalmente, me teria de prender mais a atenção, a autora não se haja disponibilizado a contactar quem lhe poderia ter sido útil, mormente se pensava dedicar a toda a Península três páginas apenas (p. 139-141), o que a obrigava a uma síntese

ainda mais rigorosa. Teria, dessa sorte, evitado distrações que não podemos deixar passar em branco.

Assim, começa por afirmar que “entre os testemunhos relativos ao deus médico grego, optou por evidenciar a sua presença em dois lugares-símbolo: a Cueva Negra e a cidade de Ampúrias” (p. 139).

Ora – como, aliás, explicita poucas linhas adiante – “a particularidade desta gruta [a Cueva Negra, perto de Múrcia], um provável santuário consagrado às Ninfas, divindades tutelares de águas e fontes salutíferas, consiste na presença de mais de cinquenta inscrições pintadas pelos fiéis nas paredes, entre o século I e o III d. C., algumas das quais inclusive revestindo a forma poética e enriquecidas com ecos da Eneida de Virgílio”. O que aí se regista de especial no domínio que estamos tratando é a referência a um sacerdote de Esculápio Ebusitano; mas, em si, a gruta é – e a própria autora o reconhece – “um fecundo exemplo dessa *mélange* de cultos e ideias religiosas que caracterizam o Império Romano do século II d. C.” (p. 139).

Merece Ampúrias atenção particular, pois aí se edificou um templo – *Asklepion* – dedicado a Asclépio, cujas dimensões e equipamentos complementares (como duas grandes cisternas) foram sendo progressivamente aumentados.

Assinala depois Daniela Rigato que, na Península, temos pouco mais do que uma dezena de epígrafes relativas a Asclépio, citando como fonte as pp. 74-76 do livro de D. Musial, de 1992, *Le développement du culte d'Esculape au monde romain*. Trata-se, como o título indica, de uma obra geral e não deixa de ser estranho que se desconheça a monumental obra de Leite de Vasconcelos sobre as religiões da Lusitânia, actualizada por José Manuel Garcia ((1991). *Religiões Antigas de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda) e, sobretudo, o catálogo da exposição ainda actualmente patente no Museu Nacional de Arqueologia (José Cardim Ribeiro (coord.) (2002). *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia), onde Vasco Mantas tece considerações acerca desta divindade: “Na mira da perfeição das artes e dos homens; *Apollo* e seu filho *Aesculapius*” (pp. 125-130).

Refere-se ao *medicus Pacensis* presente na inscrição dedicada *Aesculapio deo* em Miróbriga, cuja fonte citada é CIL II 21, de 1869, quando essa inscrição já foi reestudada inúmeras vezes; e atribui qualidades termais às termas

públicas dessa cidade (“località rinomata per le sue acque termali”), o que não corresponde minimamente à verdade. Afirmar que se terá encontrado junto à Fonte do Ídolo, em Braga, uma estatueta de bronze, de Esculápio, com inscrição – o que deve ser confusão, na medida em que a Fonte do Ídolo (monumento sobejamente estudado) é dedicada a uma divindade indígena e não há notícia do achamento desse bronze. Em contrapartida, não lhe terá merecido atenção a cidade de *Olisipo*, onde se encontraram três eloquentes testemunhos do culto a esta divindade (CIL II 173, 174 e 175), de tal modo que se não enjeita a hipótese de na cidade ter havido um templo a ela dedicado, pois que uma das epígrafes é da iniciativa de dois augustais que a oferecem ao município e outra tem como dedicantes uns *Cultores Larum*.

Compreende-se que um objectivo tão vasto como este de traçar uma panorâmica do culto a uma divindade em todo o mundo romano padeça, no pormenor, de algumas... enfermidades (dado que estamos a tratar de um deus curandeiro). Em Epigrafia e em História Antiga, como acontecerá noutros ramos do saber, avançamos por fases, em que – por estranho que pareça – nos ocorre o caminho preconizado por Hegel: tese, antítese e síntese; e as novas sínteses acabam por mostrar nova problemática, que antes se não consciencializara, e há que meter pés ao caminho para ensaiar as novas descobertas. Neste caso, e cingindo-nos ao que particularmente nos diz respeito, três páginas sobre o culto a Esculápio na Península Ibérica é pouco e não é. Não é, se atendermos ao facto de estarmos perante uma obra de carácter geral, sobre todo o mundo romano. É pouco, ao verificarmos que os dados apresentados carecem de rigor.

Cumpra, pois, no final, interrogarmo-nos: de quem foi a culpa, se é que assim nos podemos expressar? Dos investigadores peninsulares que não souberam divulgar além-península os resultados da sua investigação? Ou dos investigadores estrangeiros que nem tentaram contactar os investigadores que laboram no terreno?

Poderá, neste caso como noutros semelhantes, chamar-se à colação o facto de a língua portuguesa não ser compreendida. Que os ingleses jamais citem autores portugueses já nós estamos habituados, porque é da sua índole; mas que, num domínio como o da História Antiga ou da Epigrafia ou da Arqueologia, em que o vocabulário específico não revela tantas diferenças, já

nos causa alguma admiração, mormente se tivermos em conta que diariamente se depositam nos sítios da Internet – *verbi gratia*, na Academia.edu – centenas de textos científicos, facilmente acessíveis através da inserção num motor de busca de uma palavra-chave. É esta, de facto, uma reflexão a fazer. E mesmo escrevendo em português, tornou-se corrente o hábito – e quase a obrigação – de fazer preceder o texto de um *abstract* com as respectivas *key-words*. Ou seja, se quero encetar uma investigação sobre o culto à deusa Vitória nas Gálias, além de verificar quem foram os meus colegas que já trataram do tema, disponho, sem dúvida, de boas dezenas de entradas que me ajudarão a elaborar uma boa síntese com dados bastante recentes. E gostaríamos que Daniela Rigato pudesse ter adoptado essa atitude em relação ao culto a Esculápio na Península Ibérica. Ficará para uma próxima vez!

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

*jde@fl.uc.pt*

*Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*